



FL. Nº
Anexo – notas taquigráficas
Proc. nº
CMSP – NOME DA CPI
Nome - RF

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTES

PRESIDENTE: CLAUDIO FONSECA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 26/05/2017

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Orador não identificado
- Manifestação fora do microfone
- Exibição de imagens
- Tumulto

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Boa tarde a todos e a todas. Essa é a Comissão de Educação, Cultura e Esportes. Presentes os Vereadores: Claudio Fonseca, na Presidência; Aline Cardoso, Vice-Presidente; Toninho Vespoli; contamos também com a presença do Vereador Gilson Barreto, do qual agradecemos a presença.

Essa audiência foi convocada em atendimento ao Requerimento nº 16 de 2017, de autoria do Vereador Toninho Vespoli para tratar do Programa Vocacional e do Programa de Iniciação Artística, o PIA, em continuidade à audiência realizada em 5 de maio do presente ano. Nós realizamos uma audiência e, na ocasião, por um desencontro de informação, não tivemos a presença do Secretário de Cultura. Feita uma nova comunicação e com a confirmação, está presente no dia de hoje, aqui, o Secretário Municipal de Cultura, o Sr. André Sturm.

Está presente também e eu convido para integrar a Mesa o Sr. Sérgio Pinto Carneiro, que é Vice-Presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Convidamos também, da Promotoria, o Sr. Eduardo Dias de Souza Ferreira, Promotor de Justiça do Setor de Defesa dos Interesses Difusos e Coletivos da Promotoria de Justiça da Instância e Juventude Capital do Ministério Público do Estado de São Paulo.

Informo que este evento está sendo transmitido pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo no endereço www.camara.sp.gov.br link Auditorios On Line.

A audiência pública destina-se a ouvir o público e é assim que a Mesa dos trabalhos vai presidi-la. As inscrições para aqueles que quiserem fazer uso da palavra podem ser feitas com a Secretaria da Comunicação para discorrerem sobre o tema desta audiência pública.

Inicialmente vou passar a palavra para o Sr. Secretário para sua saudação e apresentação ao público, na sequência aos demais membros da Mesa e, enquanto isso, a secretaria dos nossos trabalhos fará as inscrições do público presente.

Então o Sr. Secretário Municipal de Cultura André Sturm, a quem agradecemos a

presença, tem a palavra.

O SR. ANDRÉ STURM – Obrigado Vereador Claudio Fonseca, boa tarde Vereadora Aline Cardoso, Vereadores Toninho Paiva e Gilson Barreto, Sr. Sérgio Pinto Carneiro, Vice-Presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, pessoal da equipe da Secretaria. Boa tarde a todos.

Queria só começar explicando que na audiência anterior eu recebi o convite muito em cima da hora. Na realidade, não recebi o convite, fiquei sabendo do evento por outras maneiras. Entrei em contato com o Vereador Toninho, expliquei a ele que não era possível comparecer e sugeri que ele marcasse outra data e, agendando de comum acordo, aqui estou.

Nós não nos furtamos obviamente a qualquer tipo de debate e, então, estou à disposição para ouvir as pessoas e o que elas têm a considerar a respeito do tema, até assim como os Vereadores.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Vereador Toninho Vespoli, para uma saudação rápida ao público.

O SR. TONINHO VESPOLI – Quero saudar o Vereador Claudio Fonseca, que está presidindo essa audiência pública, também saudar a Vereadora Aline Cardoso, o Vereador Gilson Barreto, agora que chega, também a Vereadora Juliana Cardoso, o Sr. Sérgio e também o Sr. Secretário André, bem como a todos e todas.

Temos discutido bastante a questão da Cultura, não só o PIA e a questão vocacional, mas o congelamento no beral, e sabemos que as questões de finanças estão em dificuldade, a Prefeitura, mas também tem estudos – tem um grupo de estudos aqui na Casa - sobre a Cultura, pois foi diagnosticado que, hoje, a Prefeitura está com dez bi em caixa. Então queríamos entender: se tem um caixa bem razoável, por que tanto congelamento, principalmente numa área tão importante como a área da Cultura.

Mas, então, vamos escutar as pessoas e, depois, o que o Secretário tem a dizer. Acho que a audiência é para isso, para dar mais voz à sociedade.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Vereadora Aline Cardoso, por favor.

A SRA. ALINE CARDOSO – Boa tarde a todos. Boa tarde à Mesa. Boa tarde aos presentes. Queria fazer uma saudação especial ao Secretário André Sturm, à Josephine, sua Adjunta, Giovana, sua Chefe de Gabinete, bem como a toda sua equipe. Boa tarde a todos os representantes de movimentos e cidadãos que vieram prestigiar essa audiência.

Nós, aqui, na Câmara Municipal, temos acompanhado com bastante atenção os principais desafios da gestão desde esse início, em janeiro. E não são poucos, porque a Cidade foi entregue com muitos problemas, com carência de serviços, carência de produtos, para dar um exemplo: medicamentos, ficaram três meses sem fazer compras de medicamentos no final da gestão passada. Então no início dessa gestão faltavam medicamentos nas UBSs, por isso, o Sr. Prefeito teve de fazer um edital de emergência para comprar medicamentos e tal.

E, especialmente, no que tange a esta Vereadora, que é Vice-Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esportes – tenho grande atuação com jovens, principalmente nas periferias da zona Norte de São Paulo – a área da Educação e da Cultura são prioridades no nosso mandato. Então a gente vem acompanhando, tanto com o Secretário Alexandre Schneider, quanto com o Secretário André Sturm os desafios dessas Pastas que não são pequenos, mas que, no nosso entendimento e dentro das possibilidades, têm sido bem enfrentados.

Sabemos que havia – e ainda há também - um problema de pessoal, foi necessário um corte, faltavam professores, faltavam profissionais, ao mesmo tempo havia necessidade de alguns cortes, enfim, bastante desafios, e eu acredito que o Secretário André Sturm tem conseguido, dentro da situação que ele encontrou, lidar com isso.

Em relação ao congelamento, primeiro que não é um problema que atinge somente essa área. Há varias outras áreas da cidade de São Paulo que têm tido problemas de orçamento com o congelamento. Nós estivemos, recentemente, com o Secretário Caio Megale

para tentar entender essa situação.

Nós soubemos a realidade do caixa da Prefeitura e foi mais fácil entender, porque, como disse o Vereador Toninho, nós de fora, sem entender, sem saber nada de finanças, não compreendemos porque, eventualmente, tem um congelamento. Então só acho oportuno, não sei se o Secretário se incomoda se eu falar um pouquinho sobre finanças, porque está dentro do nosso tema.

- Manifestação fora do microfone.

A SRA. ALINE CARDOSO – Está bem.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Só um minutinho, Vereadora.

A SRA. ALINE CARDOSO - Mas se vocês permitem que a Vereadora termine sua fala que tem a ver com o tema da audiência pública.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Vereadora, só um minuto. A dinâmica da reunião, geralmente, os Vereadores, os Vereadores da comissão, os Vereadores convidados – como a Vereadora Juliana Cardoso, o Vereador Isac Felix – também terão oportunidade de uma apresentação inicial. Depois, a palavra vai ser franqueada ao público que vai dirigir as perguntas e haverá o tempo para as respostas. Não vai haver prejuízo nenhum das falas dos senhores e senhoras aqui presentes.

A SRA. ALINE CARDOSO – É. Porque informação é sempre bom para as pessoas poderem analisar o que realmente está acontecendo. Só para ficar claro que esse contingenciamento é necessário, se não, não tem como finalizar o ano fiscal da Prefeitura.

E o Secretário Caio Megale nos afirmou – e depois conversando com o Secretário André Sturm, ele confirmou essa informação – que, ao longo do tempo, com o passar dos meses, o descongelamento está acontecendo. Então houve, num primeiro momento, uma sensação maior de congelamento, mas, aos poucos, esse recurso foi sendo, deixando de ser represado, foi começando a ser liberado.

Acho, então, que num primeiro momento, e eu como membro da comissão

particpei disso, que foi o momento quando foi solicitada essa audiência, a situação era uma. E, nesses, acho que 50 dias que se passaram, 40 dias que se passaram, a situação mudou. Portanto, acho importante fazer essa reunião, pois é sempre necessário esse contato entre o cidadão e os representantes do Governo, mas também vejo que ele acontece num momento onde as coisas começaram a se encaminhar.

Nesse sentido, queria parabenizar o Secretário por ter enfrentado, com muita coragem, os desafios, afinal, as pessoas apontam o dedo sem saber o que tem por trás do problema, então parabenizo a coragem – repito – do Secretário em enfrentar os desafios e sua capacidade de dialogar com as pessoas. Há muita gente, aliás esse foi um comentário interessante que fizemos, o Secretário de Cultura, em muitas gestões, nem vinham às audiências públicas. Isso é muito importante as pessoas saberem. Muitos Secretário nem vinham às audiências públicas nessa Casa. E esse Secretário, deve ser o que? A quarta, quinta vez, que está nessa Casa esse ano. (Pausa) Então isso é coragem, e te parabenizo por isso. Não tem medo de desafios.

- Manifestação na plateia.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Passar a palavra à Vereadora Juliana Cardoso. Juliana Cardoso? (Pausa) Então Vereador Isac Felix.

O SR. ISAC FELIX – Boa tarde a todos. Sou o Vereador Isac Felix. Sou Vice-Presidente da Comissão de Finanças. O Pirata está aqui com a gente quase todas as quartas-feiras, quero também saudar e parabenizar pela sua disposição, pela coragem e pelo tema que temos discutido, essas questões da Cultura e da Educação, aqui nas nossas comissões.

Quero saudar o Presidente Vereador Claudio Fonseca, o Secretário Municipal André. Quero dizer para vocês que o nosso mandato, por ser o primeiro, quero contribuir muito com a Cultura. Faço parte da CPI dos Grandes Devedores da Dívida Ativa do Município, que são muitos, são mais de cem bilhões que estamos para arrecadar dos caloteiros que não pagam seus impostos à nossa cidade, ao nosso Município.

Uma das coisas que temos questionado, Sr. Secretário, é o seguinte: às vezes, as pessoas fazem uma doação em algum projeto social, que seja até cultural, mas esquece de pagar seus impostos. Então queremos agora que paguem os impostos para que o senhor possa ter mais recursos para investir na Cultura da forma que os artistas, os oficineiros, os grafiteiros, os professores que realmente cuidam dessa parte cultural da nossa cidade, possam ter recursos do Município, não uma pequena doação como alguns empresários fazem e acham que estão fazendo muito.

Então como Relator da CPI da Dívida Ativa quero contribuir com a Cultura da nossa cidade, do nosso Município, e dizer para todos vocês: neste Governo, temos o privilégio aqui, Sr. Presidente, de todos os Secretários que estão sendo convidados – não precisa ser convocado – nas CPIs, nas audiências, não estamos convocando ninguém, estamos convidando e os Secretários têm vindo a esta Casa.

Portanto, quero dizer a vocês que militam na área cultural da nossa cidade que é muito importante, e uma das propostas que estamos fazendo – já conversei com o Secretário -, é de nós também transformamos e ocupamos os nossos espaços, os espaços das escolas públicas nos finais de semana com essa questão cultural. A periferia necessita muito disso e, muitas vezes, temos várias pessoas, aqui, que têm projetos sociais, projetos culturais, que vão contribuir com nossa cidade e precisam de coisas simples. E dá para fazermos muita coisa. Quero me colocar à disposição de vocês. Obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Agradeço as palavras do Vereador. Passar a palavra ao Sr. Sérgio Pinto Carneiro, que é Vice-Presidente do Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente, para sua saudação inicial.

O SR. SÉRGIO PINTO CARNEIRO – Boa tarde, Sr. Presidente, boa tarde Sr. Secretário, componentes da Mesa, pessoal todo que veio comparecer a essa audiência pública, que eu reputo de grande importância para a criança e o adolescente do Município de São Paulo, uma vez que esse projeto PIA dá início à prática artística, do desenvolvimento

artístico da criança e do adolescente.

Quem conhece o slogan dos jesuítas quando chegaram ao Brasil, na educação, era Ler e Escrever, Contar e Cantar. Ou seja, eles já destacavam a importância da Cultura na educação. Então espero que saíamos daqui com bons resultados para nossas crianças e nossos adolescentes. Bom trabalho para todos nós.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Agradecer ao Sérgio. A Vereadora Juliana Cardoso?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Na sequência.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Ah, tá, as perguntas são depois. Então eu estava aqui elaborando as coisas, mas é lembrar que o sentido dessa audiência com o Secretário é para que consigamos, de fato, achar um caminho. Se não fica muito nessa coisa de ainda estar em época eleitoral, só ficamos olhando para trás, “porque não tem”, tá, eu quero saber das proposituras daqui para a frente, quanto tem no orçamento – que tem -, por mais que se diga que não tem, é isso que eu ia me organizar e vou falar nessa próxima etapa, mas a diferença é que o custeio que está sendo cortado é dos projetos vinculados aos projetos sociais como o PIA, o vocacional, como o leite, como a Cultura em geral, entre outros que estão sendo cortados. Então a prioridade do Governo que é diferente.

Mas eu vou destacar nas perguntas mais elaboradas que faço logo em seguida. Obrigada, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Agradeço à Vereadora. Temos, conforme anunciado anteriormente, abrimos as inscrições, 6 pessoas inscritas. A Carolina Nóbrega, o Paulo Fabiano, o Rafael Miranda, a Camila Januário, o Mauro Alves e o Pedro Felício. A cada um está destinado 5 minutos para sua intervenção, perguntas e considerações. Ao final de 5 minutos, o sistema automático de som desliga, então, não adianta insistir, tá certo? São 5 minutos para cada um.

O primeiro inscrito é a Carolina Nóbrega, o Sr. Secretário controla o tempo, por favor.

A SRA. CAROLINA NÓBREGA – Será necessário começar anunciando o sentimento ridículo de inutilidade e impotência que me acomete diante dessa plenária. Se em algum momento, nós, cidadãos e cidadãs, preocupados com os rumos que a atual gestão estava dando para os programas de formação cultural da cidade de São Paulo, pedimos uma audiência pública com a presença dos membros dessa comissão e do Secretário de Cultura André Sturm, foi porque ainda estávamos tentando acreditar no estado democrático de direito e fazer uso de seus instrumentais. Diante dos últimos acontecimentos, eu Vos pergunto como seguir confiando na possibilidade de diálogo democrático, quando já não há mais nenhum respeito à legalidade, à coisa pública e à vida do cidadão e da cidadã?

Não é à toa que essa plenária está muito mais vazia do que a anterior, estamos cansadas e cansados de falar com paredes. Na última audiência para qual havíamos, efetivamente, nos preparado, o Sr. Secretário nem se dignou a aparecer. Diálogo, Sr. Secretário, pressupõe troca entre duas ou mais partes. Envolve, portanto, disposição à mudança.

Não se constituiu como diálogo a tomada de decisões em portas fechadas, sem consulta pública, para depois anunciar tais decisões, quando as mesas já estão encaminhadas, sem tempo hábil para serem questionadas e revistas. Não se constitui como diálogo ouvir as cidadãs e os cidadãos, mas não escutá-los ao ponto de gerarem transformações efetivas. Tentamos expor exaustiva e dolorosamente o quanto a nova contratação sumária de todas e todos os artistas dos programas PIA vocacional era uma escolha catastrófica, que implicaria em rupturas de processos artísticos, empenhados em transformações sociais efetivas que dependiam de vínculos afetivos construídos através de anos de comprometimento. Mas o Sr. Secretário em nada alterou a sua decisão.

Também anunciamos o quanto os equipamentos da Cultura são insuficientes para

atender as regiões mais periféricas da Cidade, que só possuem CEUs como equipamentos de acesso público ao bem cultural, mas eles seguem desatendidos.

Explicamos ainda o quanto já eram insuficientes para o trabalho a ser realizado os 8 meses de contratação que haviam institucionalizados nos últimos anos e, em resposta, o Sr. Secretário nos apresenta contratações de três meses e meio de duração dos novos artistas contratados e lançam o edital para o cadastramento de outros profissionais com validade para dezembro de 2017, sendo que disse que as contratações devem ser iniciadas apenas em agosto e estamos cansados de ouvir como resposta argumentações orçamentárias e legais, utilizadas apenas segundo a conveniência, sendo o que a Secretaria de Cultura cumula e ignora pedidos de suspensão de processos ilegais encaminhados pelo Tribunal de Contas, dando continuidade a eles sem o menor respeito às instituições públicas e à cidadã e cidadãos.

Então, por favor, nos poupem das mesmas justificativas.

Nesse último final de semana aconteceu a Virada Cultural, um evento sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura que ao longo dos anos estava se tornando um marco importante de identidade cultural para a Cidade. Tal evento foi usado como cortina de fumaça para ações de terrorismo de estado na Cracolândia, possibilitada pela aliança nefasta entre Governo Estadual e Municipal para alavancar processos de especulação imobiliária e gentrificação. A partir de agora, se ainda restava alguma dúvida, ficou explícito o quanto essa gestão não compreende essa Cidade como esfera pública em não está interessada em democratizar o acesso aos bens culturais. Sendo assim, minhas únicas perguntas para o Sr. Secretário são as seguintes: o senhor concorda com a criminalização da pobreza e assassinato da população periférica dessa Cidade? O senhor pretende seguir atuando para a conquista do Estado mínimo, retornando a Cidade para a iniciativa privada, destruindo os caminhos que já eram incipientes para que a cultura se tornasse um bem público para reafirmá-la uma vez mais e definitivamente como um luxo de classe? Se você disser não às duas perguntas, pressupomos que isso exige uma mudança radical nos moldes de atuação

da Secretaria até agora e pedimos que nos apresente quais ações será encaminhadas para tal revisão e transformação. Se suas respostas forem não, mas você não assumir que é isso que já está sendo em curso ou se suas respostas forem sim, ótimo, a partir daí nós delimitamos uma linha, saberemos que estamos em lados opostos e avisamos que seremos nós que vamos radicalizar os modos de luta. Não tem arrego. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – O próximo inscrito, o Sr. Paulo Fabiano, na sequência Rafael Miranda.

O SR. PAULO FABIANO – Meu nome é Paulo Fabiano, eu entrei no Programa Vocacional em 2009, como artista orientador e trabalhei três anos nessa função, depois ocupei a função de coordenador por mais quatro anos, no último ano e meio, na edição de 2016 atuei com coordenador geral do programa e em todos esses anos, e especialmente nos últimos anos trabalhamos muito mesmo para que se fizessem mudanças estruturais no programa e que se construíssem mecanismos que garantissem seus elementos fundamentais. Desses que constantemente estamos aqui tentando ainda de alguma forma um tanto absurda de dialogar com o Secretário e toda vez que estamos nessa Casa procuramos esclarecer, o que significa num programa de formação, dentro de uma proposta de política pública o processo de continuidade. Esta proposta que o Secretário coloca, três meses, uma possível recontração, uma possível, e dentro de uma estrutura totalmente precária, hoje já se pode verificar o quanto é possível para a construção realmente da organização dessa população que vem ao vocacional e também vai ao PIA. É claro que o Secretário desconsidera totalmente dentro do processo de formação a formação artística e política que é totalmente necessária e cidadão para essa cidade, para que as pessoas realmente estejam comprometidas com um processo e com um processo de transformação. O modo como o Secretário propõe e o modo como desrespeitosamente vem a pública e como desrespeitosamente tem tomado suas atitude com relação aos artistas e com relação à própria cidade de São Paulo que nas últimas décadas tem feito um esforço imenso para a construção de políticas públicas, tentando vencer a enorme

precariedade dessa Secretaria e essa máquina velha e completamente desestruturada que não consegue se relacionar com as realidades que são mutantes, dinâmicas, que os últimos anos de trabalho vocacional procuraram dar conta. Quero dizer que como estamos na função de coordenador geral, estive todo final do ano e todo começo desse ano à disposição para que pudéssemos conversar e preparar, depois de todo um trabalho feito coletivamente com um conjunto de artistas desse programa, o processo de implantação do programa para edição de 2017. Sequer me procuraram, sequer falaram comigo, ou sequer se preocuparam em saber o que estava proposta. No entanto, é essa a proposta que o Secretário traz, essa precarização daquilo que já era de certa forma precário. Certo?

Eu não consigo mais acreditar em possibilidade alguma que a gente tenha de diálogo aqui. Se eu tenho uma pergunta a fazer é se de lá para cá, desde o começo do ano, depois de todas as conversas de tentativa de diálogo, se o Secretário já encontrou sim coragem, aquela coragem que lhe faltou para resolver no início do ano as questões todas que foram colocadas, se já tomou coragem para tomar uma decisão e entregar o seu cargo e acabar com essa sangria nesse momento e esse processo de dê monte que é um desrespeito enorme à Cidade e a todos os artistas que lutaram esses anos todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Agradeço ao Paulo Fabiano. Tem a palavra, o próximo inscrito, Rafael Miranda. Ao final da palavra do Rafael estarão encerradas as inscrições.

O SR. RAFAEL MIRANDA – Secretário, deixe eu fazer uma pergunta par você: houve agora o edital para chamar os artistas articulares e orientadores da verba da educação e a informação que a gente teve, antese mesmo desse edital sair, é que a verba da educação, a verba destinada ao Vocacional, foi repassada 100%. Eis que a gente descobre que vão ser contratados 30 artistas orientadores a menos, ou seja, é um corte de 30% do que foi contratado no ano passado. Se essa verba foi repassada inteira para o programa, porque vai haver esse corte de 30%. É isso.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Agradeço. Tem a palavra a próxima inscrita, Camila Januário.

A SRA. CAMILA JANUÁRIO – Boa tarde, boa tarde a todos. Eu sou nesse momento artista articuladora contratada do Programa Vocacional. Eu gostaria, antes de fazer a minha pergunta fazer um adendo que se o Sr. Secretário de Cultura já esteve em torno de cinco audiências públicas com trabalhadores da cultura ao longo desse ano, fora a reunião com comissões e frentes representativas? O Secretário de Cultura teve mais formação do que nossa população sobre cultura ao longo desse ano, porque o Programa Vocacional e o PIA começou a menos de um mês. Então o Sr. Secretário está sendo formado pelos cidadãos da cultura dessa Cidade, do início desse ano até agora, muito mais do que a nossa população.

Segunda coisa, e agora sim a pergunta, a gente teve ao longo do programa contratos sempre de oito ou nove meses, esse ano nós fomos apresentados para um contrato de quatro meses. A minha pergunta é clara e simples, nós estamos a cinco dias do nosso último mês e contrato; nós teremos os nossos contratos prorrogados ou não, Secretário?

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Tem a palavra o próximo, Mário Alves.

O SR. MARIO ALVES DA SILVA – Sou do Fórum Municipal de Educação da cidade de São Paulo. Como esta é uma Comissão de Educação, Cultura e Esportes, só para a gente tentar integrar essas disciplinas, mas sempre destacando o financiamento. A nossa preocupação, junto ao Secretário e à Comissão, é a questão do financiamento, porque todo mundo fala que não tem dinheiro, quando, na verdade, tem dinheiro, mas ele está sendo desviado para outras funções, dentre elas o pagamento de juros de uma dívida ilegal, abusiva, que praticamente só beneficia os agiotas da banca nacional e internacional.

Temos acompanhado a questão da EMIA – Escola Municipal de Inserção Artística – no distrito do Jabaquara, que está em vias de fechar, e onde deveria ser um modelo pois já é institucionalizada, com mais de 30 anos de existência, porém está correndo o risco de fechar. Cada governo que entra apresenta projetos pontuais que parecem estar suprimindo uma

necessidade que deveria ser uma política pública permanente.

No caso do Theatro Municipal, tem o problema da escola municipal de bailado, que ensina crianças de sete a 15 anos, mas que também está com problema de recursos, já que agora o Theatro Municipal é uma autarquia, então ele tem outras fontes de financiamento.

Quero focar no problema do financiamento, que está se jogando essa questão de dívida de financiamento nas costas da educação. Então é interessante a Comissão tentar verificar de onde saem as verbas, para não confundir, pois o que é verba de ensino e desenvolvimento da educação não pode ser desviado para outras funções.

Outra denúncia é a precariedade da educação artística na escola. Muitos desses artistas poderiam ensinar educação artística no horário das escolas, porque também é necessária a formação do público, e não só do artista. Se não houver público formado, não haverá leitores, espectadores de teatro, de arte, e o artista fica sempre dependendo de um programa temporário de três ou seis meses. Para finalizar, quero chamar a atenção para o seguinte: a educação tem verba. O nobre Vereador Claudio Fonseca lembrou muito bem que, em 2001, houve uma mudança ilegal nesta Casa, quando incluíram os aposentados da educação na verba da educação. Já existem manifestações do Tribunal de Contas quanto a isso, pois cerca de R\$ 1 bilhão é desviado da educação por ano para pagar os aposentados, que deveriam ser pagos por fundo específico da aposentadoria.

Isso não é por conta do governo A, B ou C; mas tem de se definir de onde está vindo o dinheiro para pagar os aposentados, porque dinheiro tem, mas não permitir os desvios e a Secretaria da Educação deve assumir a responsabilidade e trazer a público essas informações: quem está finando a EMIA, quem está financiando a Escola de Bailado, enfim. E não adianta ser um projeto de tapa-buraco, tem que ser uma política pública, independente de qual governo que está na gestão da Cidade.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Passo a palavra ao Secretário, para

responder os questionamentos.

O SR. ANDRÉ LUIZ POMPEIA STURM – Nobre Vereador, não quero responder nada, só quero dizer o seguinte: Imaginem se uma pessoa estivesse falando e eu estivesse gargalhando com a Vereadora, qual seria a reação das pessoas? Assim como o fato de eu estar olhando para frente não significa que eu não esteja ouvindo, pois tenho anotações de todo mundo. Porém, pessoas já ficam gritando que eu tenho de acordar. Então, qualquer tipo de reação à minha fala, imediatamente, vou me levantar e sair, porque quero que haja educação dos dois lados.

Quando a nobre Vereadora estava falando, ela tolerou gargalhadas, mas não vou tolerar isso. Ou esta é uma reunião da sociedade com o Poder Legislativo e o Secretário, ou é uma palhaçada, vieram para ofender. Não vou passar por isso, pois não sou obrigado a passar por isso. Quero deixar claro. Estou anotando tudo o que está acontecendo aqui, mas a próxima provocação eu não tolerarei, e vou embora.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Inicialmente, a Mesa anunciou que ouviríamos todos e o Secretário responderia. Então acho de bom termo, até o quinto orador, responder as perguntas, mas o Secretário está doutrinando de outra forma. Ouviremos os demais, conforme combinado inicialmente, porque a audiência pública é para ouvir o público, e o Secretário responderá as questões levantadas. Peço urbanidade e respeito da Mesa para os presentes, e dos presentes para a Mesa, afinal esta audiência foi requerida pelo nobre Vereador Toninho Vespoli. Naquela primeira oportunidade, o Secretário não esteve presente, mas justificou ao nobre Vereador Toninho Vespoli o desencontro de informação e, me parece, que o nobre Vereador não fez nenhum reparo em relação a isso, de dizer: “Olha, não foi exatamente isso que aconteceu”. Então, tendo essa oportunidade, acho que devemos aproveitar para tratar as duas questões que ensejaram a convocação desta audiência pública. Vou passar a palavra para os demais inscritos, depois o Secretário se manifestará.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Pela ordem, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Nobre Vereadora, vamos seguir a ordem dos trabalhos iniciais e, depois, a nobre Vereadora terá oportunidade também de falar.

A SRA. JULIANA CARDOSO – É sobre o assunto, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Tudo aqui é sobre o assunto. Tem a palavra...

A SRA. JULIANA CARDOSO – Não pretendo fazer confusão, Sr. Presidente. Desculpa, mas o senhor também não pode tirar o direito de palavra.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Por favor, por favor. Vamos ouvir primeiro o público, que acabou de reclamar que é uma audiência para o público. O sexto inscrito falará e, ao final, passarei a palavra à senhora.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Sr. Presidente, é muito ruim essa posição. O senhor tem que respeitar a minha palavra também, além da palavra das pessoas que estão aqui.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Eu vou passar a palavra para a senhora. Vereadora, seja razoável. Houve um momento em que chamei V.Exa., e a nobre Vereadora tinha saído. V.Exa. terá a palavra, chamei o próximo, por favor.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Sr. Presidente, eu vou falar, o senhor não pode podar minha palavra.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Eu não estou podando, é uma questão de organização, por favor.

A SRA. JULIANA CARDOSO – É de organização mesmo, porque o Secretário é um gestor público e não pode ter uma ação dessa forma de querer romper ou tirar as pessoas...

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Da mesma forma que a senhora não pode romper a ordem dos trabalhos no momento em que quiser. Não pode ser assim.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Em audiência pública, os Vereadores têm

prerrogativa.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Não dá para ser assim, não dá apelar, porque o público tem de ser ouvido, e o Vereador não pode interromper o público no momento em que ele quer falar. Não pode ser assim.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Péssimo, Presidente. Péssima postura.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Fica claro que a senhora está desrespeitando o público, inclusive a pessoa que está inscrita.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Fica claro que o senhor está me desrespeitando, porque sou Vereadora desta Cidade, tenho a prerrogativa de falar aqui, inclusive na Lei Orgânica do Município, e o senhor não vai me podar, nem ninguém.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – A senhora, simplesmente, não vai respeitar o público. O fato de ser Vereadora não lhe dá a prerrogativa de desrespeitar a dinâmica da reunião, nem o público. O combinado não é caro, e foi acertado que nós ouviríamos os 10 inscritos.

A SRA. ALINE CARDOSO – Juliana, quando eu falei, o público pediu para eu parar de falar, porque eles queriam falar. Você não estava aqui, então não ouviu. Mas eles pediram para eu parar de falar. Quer dizer que você pode e eu não posso? Eu sou tão eleita quanto você.

A SRA. JULIANA CARDOSO – A senhora estava na sua fala.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Não será assim. Tem a palavra o Sr. Pedro Felício.

O SR. PEDRO FELÍCIO – Boa tarde a todos. Vereadora Aline, você falou que seria importante a gente ter informações para poder fazer uma avaliação mais precisa. Tem um grande trabalho junto à juventude da zona Norte. Conheço bastante a zona Norte, nasci ali no Jardim Brasil. Um lugar bacana para ter informações sobre isso que estamos falando são as casas de Cultura que estão na zona Norte: o Casarão da Vila Guilherme, a Casa de Cultura do

Tremembé, as bibliotecas Álvares de Azevedo, Núcleo Santana, CEU Jaçanã. Extremo outro lado da zona Norte, o CEU Paz, o centro cultural da Juventude. Nesses espaços o programa vocacional aconteceu durante 16 anos, um trabalho do qual participei muitas vezes.

Outra fonte de informação, bastante importante que foi levantada pelo amigo, é a gente saber para onde está indo o dinheiro dessa Prefeitura. Uma informação importante seria perguntar o Secretário das Finanças, de quanto foi o aumento da verba de publicidade esse ano?

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PEDRO FELICIO - Queria falar rapidamente sobre esse tipo de gente que se declara artista e não passa de oportunista e mama nas tetas do Estado. Vou falar a verdade. É preciso que se diga. Em 2001, estava implementando esse programa na Cidade de São Paulo, programa vocacional, ganhando horrores, 22 reais a hora de trabalho, ganhavam esses artistas, para implementar esse programa que existe há 16 anos, enquanto outras pessoas, recebiam dinheiro público para filmar seu primeiro longa, em 2001.

Ao longo desses anos, no ano de 2007, foi quando comecei no vocacional 2001, fui um dos artistas que implementou o programa. Sai, e voltei em 2007. Naquele mesmo ano, o André, Secretário de Cultura, atualmente, era funcionário da Secretaria de Estado da Cultura, comissionado dentro do departamento de fomentos, aí ele já tinha inclusive finalizado outros longas dele também com dinheiro público do Proac. Ele passou a coordenar a partir de 2017. O tempo foi passando, sai de novo do programa, outros trabalhos, em 2013 voltamos para o programa, fizemos uma ampliação que não existia nessa cidade. A rede que se criou no programa vocacional e no PIÁ, desde 2013, tanto com as crianças os PIÁs atendidos quanto vocacionados, era uma coisa que não existia nessa cidade antes disso. Foi nessa mesma época que o Secretário passou a ser diretor do MIS que é uma outra entidade pública e também conseguiu apoio de um banco público a Caixa Econômica Federal para manter seu teatro Cine Belas Artes.

Então acho que os artistas que recebem esse apoio público têm de responder à sociedade por todo esse apoio que eles recebem. Eles precisam responder. Só espero, André que você responda às perguntas que foram feitas hoje aqui. Todas elas e que tente dizer as verdades nessas respostas, porque não é isso que temos acompanhado desde quando assumiu esse cargo.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Próximo, Rapper Pirata.

O SR. RAPPER PIRATA – Primeira coisa, não sou público, sou cidadão e aqui é o Legislativo. Só para não esquecer esse negócio, só reforço eu mesmo dito toda hora. No restaurante Estado servidor público serve, não é servido, e aí temos de entender quais são nossas funções públicas.

Outra, já entendemos do orçamento, por causa de algumas coisas, a gente entende de orçamento. O negócio só cantar rapper, mas eu entendo de orçamento, entendo de política. Entendo um monte de coisa, que é meu direito. Então sei o que é um vereador e uma vereadora. E também sei o que é educação, e a educação parte do conhecimento.

A primeira coisa que quero reforçar que é triste continuar vendo que cultura é tido como lazer, malabarismo nas pessoas. Pelo amor de Deus. O PIÁ que está discutindo. Tem o PIÁ e monte de coisas. O que estamos brigando é para a manutenção da Cultura da Cidade de São Paulo. As políticas que são implantadas. Não tem conferência. Não está discutindo nada. e precisamos fazer essas coisas funcionarem, e ações dos artistas da Cidade de São Paulo, que estão discutindo seriamente, amplia a área da cultura. Cultura do Brasil é machista, racista, é um monte de coisa. Cultura tinha de ser o principal ministério, Secretaria do País. Porque é nela que está o conhecimento. É o grupo de um partido que tem uma cultura “x,” de tal coisa. Só que não é isso. Ela é zero, vírgula zero, alguma coisa. Aí vemos aqui na Câmara, fala que o orçamento, etc... para valorizar a Secretaria de Cultura. Porque ela gera o bendito emprego. Nós falamos de crise a toda hora. Primeiro erro que temos aqui, o orçamento público ele não

tem de dar lucro, não é uma mercadoria. Ele tem de ser gestado. Aí vem com discurso com vai subir 0,3. Ai não vai dar para investir na periferia, e periferia todo mundo fala o nome. Ai, só que eu quero saber, vai ser uns 54 bilhões. Ah, não vai dar, tem 48 bilhões! Então precisa ser gestado. Desses 48 bilhões 500 milhões é da Câmara Municipal. Aí vai lá para a Cultura, cento e poucos milhões, é do Teatro Municipal. Nada contra o Teatro Municipal, nada contra. Reforço. A Cidade de São Paulo não tem só o Teatro Municipal, aqui o Azevedo, tem os outros que precisa ser valorizados. Ai quando o PIÁ vai lá e formam as pessoas, as pessoas vão ser tornara artistas lá e não vai realizar sonhos. É a profissão que estamos dialogando.

A indústria não emprega mais. Emprega pouco. Ai foram todos para a área de serviço. A área de serviço hoje, quem está dando conta é a área de Cultura. A maior indústria cultural do mundo, hoje, é na Cidade de São Paulo. Só que não é esse olhar que temos aqui. Aqui a maioria são trabalhadores estão se gerando trabalho. Ss Vereadores tem a obrigação de entender isso para colocar no orçamento. Os Vereadores tem obrigação de entender isso que ele trabalha. Trabalho, é o bendito trabalho. O Executivo tem de entender isso. E aí tem uma coisa que acho mais importante, o ruído. Precisamos resolver o ruído, porque nesse ruído, todas as ações dos artistas da Cidade de São Paulo, vão facilitar para a Secretaria de Cultura. Porque estamos dialogando para aumentar o orçamento da Secretaria de Cultura. E para não ser a Secretaria de Cultura, como a Secretaria de Cultura do Estado. A última vez na minha vida que fui ver tinha um bilhão de reais. Ai fui ver esse orçamento de um bilhão. Aí 34 milhões dava conta do PROAC. Perguntei: para onde vai o restante do dinheiro? Aí começou do Hip Hop, as coisas de periferia de pobre. Aí o Hip Hop diminui mais ainda. Não acredito nesses bang! Entendemos o dinheiro porque nos obrigaram, me obrigou a entender minha arte, me obrigaram a entender dinheiro, me entender um monte de coisa, e para não cair nesses discursos furado de não ter orçamento.

A Cidade de São Paulo tem orçamento zero, vírgula zero alguma coisa, em uma pizza o Estado me zuou na educação, mas numa pizza zero, virgula, zero alguma coisa é uma

fração mínima. Quero saber dos outros 90. Esse dinheiro vai para algum lugar. Precisamos resolver o ruído. O que a Cidade de São Paulo está fazendo, os artistas e os vereadores que começaram agora, por favor, vão entender algumas coisas que não sou do circo. E respeitando o circo, quer dizer que eu não sou, algumas coisas que eles acham que é a Cultura. O que estamos dialogando reforça a Secretaria. A Secretaria da Cultura é umas das mais importantes. Queremos 2%,3%. É pouco, porque gera trabalho. Tem um monte de coisa que gera. Hoje, tirando a Educação é a área que mais a cultura chega na ponta. Eu vou reforçar mês de Hip Hop. Com 1 milhão 450 chegamos a mais de mil artistas. Chegou em toda a rede de educação. Isso é o dinheiro público. É diferente do dinheiro publico indo para o transporte público, que vai para algumas pessoas que são mais de 100 bilhões de reais.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Com a palavra a Sra. Ana Cunha.

A SRA. ANA CUNHA – Boa tarde à Mesa, principalmente à Vereadora Juliana Cardoso. Quero agradecer a você pela presença em todos os contextos de encontro nossos os programas de formação e ao Vereador Toninho Vespoli pela marcação das audiências. Dizer que é lamentável justificar que não houve informação, porque a audiência for marcada em março, tinha mais de um mês de prazo para ele ficar sabendo. Lamentável mesmo ser justificado dessa maneira.

Dessa forma eu gostaria de apresentar, já que artistas que somos, a gente preparou uma intervenção artística e eu gostaria que ela fosse ouvida e gostaríamos de saber se o Secretário André Sturm se compromete a cumprir as próprias falas.

- Apresentação artística.

A SRA. ANA CUNHA – Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Tem a palavra o próximo.

A Keli retirou a inscrição. O próximo e último é o Dorberto Carvalho, da Cooperativa Paulista de Teatro.

O SR. DORBERTO CARVALHO - Boa tarde a todos, a todas. Acho que se a gente

não resolver o que se pretende resolver aqui, pelo menos, a gente tem que entender que a política tem um sentido pedagógico. Então usar a minha fala como sentido pedagógico da política.

Começando aqui pela Juliana Cardoso que merece todo o nosso respeito pela sua história de luta; Toninho Véspoli que merece todo nosso respeito, sem palavras, todos nós o conhecemos; Vereador Claudio, conhecemos a luta dos professores, toda militância, a história de luta e a Vereadora Aline merece sim o nosso respeito, porque ela não falou aqui, ela é militante lá da zona Norte, junto com os jovens, mas também é do cooperativismo. É uma pessoa que não chegou aqui por acaso. Tem o apoio mesmo da população da cidade de São Paulo. Então merece o nosso respeito.

Todos que estão na Mesa merecem o nosso respeito. Eu quero deixar registrado aqui. Só quero deixar registrado aqui, também como sentido pedagógico, já tive vários encontros, reuniões, com o André Sturm. A gente vai ter de aprender o seguinte: não dá para sensibilizar esse Secretário. Ele não tem a característica de outros secretários que a gente conhece. Eu sei que as pessoas que vieram se colocar aqui, o fizeram de maneira passional e tal, mas não é isso que pega. Está certo? Porque o André Sturm não tem sensibilidade com a cultura, não adianta falar das crianças, não adianta passar vídeos das aulas do vocacional na periferia. Não é isso que pega.

O compromisso desta geração de gestores é com o mercado, é com uma coisa que está além, está fora da população. Dói o meu coração um pouco, mas estou falando isso com consciência de causa. Eu conheci o Franco Montoro, quando era governador, foi fundador do PSDB. Lembro uma vez, numa audiência com ele, fui levar um caso de 69 famílias da Cidade A.E. Carvalho. O Franco Montoro quase chorou ao ver a situação daquelas famílias que foram espancadas pela própria polícia do Governo do Estado, procurou dar solução para essas famílias, com casa embrião, lá na sua região, viu Toninho, lá no Sapopemba. Essas 69 famílias estão lá até hoje, alocadas pelo Arnaldo Madeira, do Governo Franco Montoro.

Então quero dizer o seguinte: o Secretário que chama os artistas de vagabundos, a gente não pode considera-lo como artista. Ele não está no nosso campo. Eu entendo, viu Ana, a sua manifestação aqui, mas não é isso que pega, porque não tem, não tem sensibilidade, não tem nada para pegar ele.

Voltando ao sentido pedagógico da política, a gente vai ter de organizar os pais desses alunos que perderam essas aulas e trazê-los para fazer manifestação na Câmara.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. DORBERTO CARVALHO – Então, mas a gente tem que mobilizar mais. Entendeu? Olhe, André, com toda honestidade, sou uma das pessoas, dentre as milhares, de artistas, fazedores de cultura, que querem que você saia da Secretaria de Cultura. Sei que você não vai sair, talvez você chegue até ao final do Governo Doria, para infelicidade geral da cultura na cidade de São Paulo, você está acabando com as políticas públicas.

Vou dizer uma coisa: não é questão econômica, já te falei. Você sabe disso, você não é bobo. Você é inteligente. Não é, viu Vereadora Aline, nós conhecemos toda essa problemática da redução, do por que do congelamento. Nós estamos falando de atitude.

Como a Vereadora Juliana falou, é uma questão de escolha política. As escolhas políticas do nosso Secretário são “péssimas para a cidade de São Paulo, para o acesso da cultura, para a circulação da produção das obras que são produzidas na Cidade, para chegar a toda população, para a formação, para pesquisa, porque está acabando com os programas de pesquisa como o Fomento à Dança, que prevê pesquisa, como o Fomento ao Teatro, que está sendo sucateado. Interfere nas comissões, como interferiu no VAI. Isso é um desrespeito”.

Nenhum secretário – diga-se de passagem – durante o Governo Serra, nós negociamos com o Governo Serra, e os secretários tiveram posição e sentimento republicanos, não interferiram nas comissões. Conversamos com o Kassab também. Tivemos ótimo relacionamento, não interferiram nas comissões, tinham posições republicanas.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Concluindo.

O SR. DORBERTO CARVALHO – Então, com sentido pedagógico, não esperem posição republicana do André Sturm. Quando ele chama os trabalhadores da cultura de vagabundos, os artistas da cultura de vagabundo, ele esquece, ele tem memória seletiva, ele esquece que estivemos juntos para defesa do Belas Artes.

Não que eu ganhasse alguma coisa com o Belas Artes, viu André, porque eu nunca peguei um tostão do Belas Artes, mas sei que era importante para a cidade de São Paulo.

Por isso, vim aqui, a Cooperativa Paulista de Teatro, defender não sei quantos milhões que foi para o Belas Artes, que foi a política de balcão do Juca que passou dinheiro para você. Entendeu?

Defendemos, também, junto ao Governo Federal, que a Caixa Econômica Federal passasse dinheiro para o Belas Artes, não por causa de você, da sua pessoa, mas por causa da cidade de São Paulo, por causa do acesso da população e do que o Belas Artes representava para cidade de São Paulo do ponto de vista da cultura, do ponto de vista da infusão cultural, do acesso, da formação da cidade de São Paulo.

Então, esse sentimento republicano, meus companheiros e companheiras, não esperem do André Sturm, não vamos esperar isso. A gente tem que se mobilizar politicamente aqui dentro da Câmara. Há vários Vereadores dentro da Câmara que já percebem isso.

Hoje, o André Sturm tem uma posição contrária à própria Câmara, porque tenta derrubar uma lei que foi aprovada aqui dentro desta Casa, a Lei de Fomento à Dança, tenta descaracterizar. Tem sanção do Tribunal de Contas, não sou eu que estou dizendo, viu André, Vereadora Aline, não é questão econômica, é questão mesmo de posicionamento, ou de gestão, como o Prefeito Doria que se propugna a dizer que é um grande gestor, tal, tal, tal, tal.

Então o André, mesmo como gestor, é um péssimo gestor. É o pior Secretário da Cultura que nós tivemos nos últimos anos. Estou dizendo isso porque eu fiz o piloto...

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Concluindo.

O SR. DORBERTO CARVALHO – Desculpe, Claudio, só mais um minuto.

Eu fiz o piloto do projeto vocacional em 2004, no primeiro CEU, o CEU Jambeiro. Eu sei o que é o projeto vocacional, viu André. Se você quiser discutir o que é o projeto vocacional, o que ele se propõe para a Cidade, para essas crianças, se você quiser discutir comigo, posso discutir com você, como também posso discutir o Fomento à Dança, o Fomento ao Teatro, posso discutir o VAI – porque eu tive aqui a aprovação do VAI -, posso até discutir – com o perdão do pessoal da periferia e do próprio Pirata – o Fomento à Periferia, se você quiser, mas não precisa de interlocutor o Fomento à Periferia que tem o próprio pessoal da periferia que fez essa lei aqui na Casa.

Não esperem sensibilidade, nós precisamos mesmo é por abaixo esse Secretário. Nós temos de nos organizar, mobilizar toda a Cidade para acabar com esta gestão. Esta gestão da Cultura está acabando com a cultura na cidade de São Paulo. Não é por congelamento, não é por falta de dinheiro, é porque está destruindo todas as políticas públicas que chegam à população da cidade de São Paulo.

Eu quero – só para terminar – as notas taquigráficas desta audiência pública, porque isso vai ser usado na mobilização para por fora o André Sturm.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Tendo falado os inscritos e as inscritas, vou passar a palavra para o Secretário, para sua manifestação, em relação às perguntas e considerações que lhe foram dirigidas.

Tem a palavra, pela ordem, o Vereador Toninho Vespoli.

O SR. TONINHO VESPOLI - Acho que a Vereadora Juliana tem algumas perguntas, eu também, o senhor prefere que façamos agora ou...?

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Conforme havíamos combinado, no início dos trabalhos, o Secretário apresentaria as respostas e eu passaria a palavra para os membros da mesa. Ok?

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Eu continuo, até para não ser contraditório, com a manifestação anterior, que V.Sa. responda e na sequência os Vereadores poderão fazer suas questões.

O SR. TONINHO VESPOLI - Mas se tiver acordo, porque senão ele terá de responder algumas...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Espere um pouquinho só, querido, calma.

É melhor entrar num acordo do que uma briga, não é?

Se o Secretário concorda...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Não. Sempre quando se começa os trabalhos, se apresenta a ordem dos trabalhos, para não ser contraditório. Cortar um e deixar de cortar o outro. Organizar o trabalho e coordenar é assim. Se houver entendimento na Mesa, nós seguimos dessa maneira. O Secretário também concorda que os Vereadores possam falar e lhes pergunta. Certo? Se ele concorda, nós faremos.

Tem a palavra a Vereadora Juliana, depois o Vereador Toninho Vespoli, depois os demais membros da Mesa que quiserem falar, só pedir a palavra.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Realmente, esta audiência pública foi pensada há uns dois meses, a gente ainda tinha uma expectativa e uma possibilidade de diálogo com a Secretaria. O tempo todo, sempre vai se apresentando não só aqui, mas na discussão na Câmara, eu tenho uma percepção, às vezes, que ainda não saiu do tempo da campanha eleitoral, porque só fica falando do detrás.

A organização, mobilização e projetos efetivamente como programa de Governo, que eu também não vi, a não ser uma questão do Plano de Metas, que foi completamente descaracterizado daquilo que é o sentimento de ouvir a população, as pessoas, de ser gestor

público de uma cidade de São Paulo, do tamanho que ela é.

Então aí tem que se apegar na questão do orçamento. Só para a gente poder ter um entendimento, hoje, se fala tanto em orçamento que não tem finanças. A receita orçada, em geral, que todo mundo deve saber, é de 54,7 bi. Teve um aumento de 315 milhões, 1,86%, falando do orçamento do ano de 2016.

Quando se fala na questão de principais aumentos da receita, por isso que acabou acrescentando um pouco, a gente também tem que visualizar que teve um aumento real de arrecadação do IPTU, ISS, IR, ITBI e multas de trânsito, que também se organiza dentro de um caixa que hoje, se diz que não tem, mas aí a gente vem aqui na disponibilidade do caixa realmente ele existe.

Mas qual é o problema do congelamento que se faz? É nisso que eu estava querendo aprofundar um pouco mais. Quando você põe um orçamento de pessoal auxílio, é mais ou menos 4% de congelamento, quando você tem atividade e custeio, é um congelamento de 19,6%, aí que está e onde a gente fica?

Não só a Cultura, mas todos os projetos que são vinculados, principalmente, ao atendimento da grande população mais vulnerável da cidade de São Paulo. Projetos e investimentos, o congelamento chega a ser 76,7%. São políticas que são retiradas de políticas públicas, que fazem uma atuação não só como o vocacional e como o PIÁ, que trabalham também diretamente com a atuação da criança, do jovem e do adolescente de terem uma perspectiva de vida, perspectiva de ter um entendimento que é possível fazer diferente sem ser cooptado pelo tráfico, sem ser cooptado pela violência dos territórios que vocês trabalham.

Aqui, Secretário, você não está falando com uma população que quer emprego, aqui você está falando com formadores de opinião e de direito. Aqui você está falando com uma cultura que tem o entendimento desta cidade de São Paulo que não começou agora, é gente que construiu a cultura não só aqui, mas foi modelo para todo o Brasil, inclusive, muitos desses se transformando em leis e em projetos.

Então a gente não pode ter essa forma de dialogar que não é de agora, a gente se conheceu em outro momento, também tenso, e o senhor estava com essa mesma postura, depois acalmou um pouco. O senhor é um gestor público. Você tem que ter a capacidade de ouvir, organizar e principalmente bater de frente com a política e buscar o orçamento com uma política para poder trazer para a sua Secretaria.

Mas sabe qual é o problema? A gestão do Governo Doria, o Doria, ele só pensa numa gestão privada, uma gestão para grandes empreendedores e para grandes eventos. Quando essa política é, infelizmente, colocada como projeto da cidade de São Paulo, quem vai perder será a população mais vulnerável da Cidade.

Era essa a contribuição que eu queria dar na minha fala inicial. Acabei vindo de outra reunião aqui mesmo, porque a gente, graças a Deus, tem várias atividades e, infelizmente, nós temos que estar em várias frentes: Cracolândia, saúde, habitação que está aí, crianças e adolescentes, juventude e cultura. Essa é a realidade dos Vereadores que estão sempre na ativa com os movimentos sociais.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Tem a palavra o Vereador Toninho Vespoli.

O SR. TONINHO VESPOLI – Primeiro, há um acordo na Mesa, Presidente, eu acho que não tinha problema nenhum a Juliana falar naquele momento, em minha opinião. Até porque eu acho que as mulheres falam muito pouco nesta Casa, porque há muitos homens. (Palmas) Eu já presenciei aqui coisas muito ruins, inclusive já vi nesses quatro anos, V.Exa. foi desrespeitada duas vezes aqui por Vereadores.

A Isa Penna, também, a Vereadora Suplente que ficou no meu lugar, ela passou por uma situação constrangedora. Eu sei que V.Exa. não tem nada a ver com isso, tenho certeza que não é isso que levou, mas tem tantos acontecimentos nesta Casa que a gente já fica sempre com um pé atrás, quando se trata de situação de mulheres.

Outra coisa é um pouco a postura, eu acho, do servidor público, que está na função pública. Eu, por exemplo, quando vem o pessoal, inclusive da Cultura, até tem motivo, ainda mais o pessoal da periferia, porque o dinheiro quase não vai para a periferia, é de vir aqui radicalizar e, às vezes, falar um monte e não separar nenhum Vereador.

Às vezes falam assim: todos os Vereadores aí só ficam gastando dinheiro, gastando dinheiro com carro, isso aquilo. Estou no meu quinto ano de mandato, sempre dirigi o meu carro. Mesmo não tendo essa prática na minha vida, eu escuto e entendo o que eles estão falando, porque a revolta é tão grande de ver diariamente nos jornais, ou mesmo o que é apontado nesta Casa, um monte de questão, eu acho que as pessoas estão até calmas demais, pela conjuntura política que estamos vivendo.

A gente tem que ter um equilíbrio emocional para lidar com as divergências e dar as respostas que a sociedade precisa. Então a gente tem que ter um equilíbrio nessa hora. Eu acho que isso, inclusive, é pré-requisito para a gente estar na posição em que está. (Palmas)

Uma terceira coisa é...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. TONINHO VESPOLI – Outra questão eu acho é de transparência, eu vou dar um exemplo. Inclusive, estou muito tranquilo, porque fui Oposição do Governo Haddad, aqui. Eu acho que fui o Vereador que mais votou contra os projetos do Haddad, não foi o PSDB. Uma das coisas que eu falava para o Governo Haddad, para vários secretários, é o seguinte: mudou o parâmetro da relação, hoje, Poder Público e sociedade. Hoje, o povo está muito mais organizado e quer uma participação mais direta. Os gestores ou os mandatos que não entenderem isso e não criar outra forma de relacionamento com movimento social – eu falava o tempo todo para a Bancada do PT – vocês vão perder as eleições. Eu falava para eles. Porque estava na cara que ia perder, muito conflito desnecessário, por falta de diálogo e de transparência.

Infelizmente, eu estou vendo um Governo que começou muito bem, mas vê aí o

que aconteceu na Cracolândia. Hoje você vai para os setores da sociedade civil, a falta de transparência e a falta de diálogo estão colocando grande, ou a maioria, pelo menos, contra o Governo nesse quesito, porque há falta de transparência e de diálogo.

Governos que não souberem dialogar com a sociedade, no meu ponto de vista, estão fadados ao fracasso. Eu falava isso o tempo todo para o Governo Haddad, não escutou, estou falando agora o tempo todo com o Governo Doria. Espero que escutem isso e consigam ainda retomar um diálogo com a sociedade.

Uma quarta questão é a questão de dinheiro. Concordo com as Vereadoras Aline e Juliana, cada qual fala de seu jeito, nós aumentamos o valor de um ponto alguma coisa, mas se vocês retirarem a inflação, como a Vereadora Aline fala, então você cai em torno de 2%, algo assim. Só que os cortes, Vereadora Aline - aí que temos que discutir - não estão na base de 2%. Se você pegar, por exemplo, o PIÁ e o vocacional, foram contratados acho que 30% dos arte educadores, 30%, então, foram cortados 70%.

Então, eu não entendo, se caíram 2, 3%, o corte está sendo de 70%. Tem algo errado aí, não dá para justificar que o orçamento, aumentando o recurso, mas tirando a inflação, e mesmo assim, como está o valor das pessoas que estão trabalhando há anos. Às vezes, várias pessoas na máquina pública não estão tendo aumento salarial nenhum. Quer dizer, não necessariamente os custos desses programas aumentaram também como a inflação. A inflação é uma balize da sociedade no geral.

Então, os números não condizem com os cortes que estão tendo e isso é uma realidade, não adianta a gente tapar o sol com a peneira. Na última audiência pública do pessoal da Secretaria da Fazenda com o da Cultura, o tempo todo, os técnicos estavam falando que o corte era grande, porque não tinha dinheiro e não chegava até agosto, por “a” mais “b” o pessoal conseguiu provar que havia dinheiro em caixa suficiente e no fim os técnicos chegaram a dizer que o problema era político.

Ora, então, no começo não tinha dinheiro. Na hora em que começam a provar que

tem dinheiro, depois os técnicos falaram que tinha problema político. Queria, então, entender melhor essas questões. Quanto ao PIÁ e o vocacional, hoje tivemos um corte de 70%, a gente queria saber do Secretário quando vai se normalizar.

Outra questão que gostaria de saber é sobre a continuidade dos programas. Como o Sr. Secretário avalia um programa, que tem 16 anos, por exemplo, ter uma descontinuidade tão grande como teve? O que significa isso para as crianças? O que significa para um estado de violência nas periferias dessa cidade? Porque também a gente só fala de números e números e não falamos das questões sociais que esses programas afetam a nossa sociedade. Depois iremos reclamar que a violência cresceu nessa cidade ou nesse país, mas se não investirmos nas áreas sociais, principalmente nas questões culturais e esportivas, essa sociedade pagará um preço muito alto, haja vista o Rio de Janeiro, nós já estamos chegando lá com convulsão social. Imaginem que pode acontecer isso no Brasil inteiro.

Então, eram essas as perguntas que eu gostaria de fazer. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. SÉRGIO PINTO CARNEIRO - A barbárie não produz cultura. O que produz cultura é o processo civilizatório. E quando uma sociedade fomenta a cultura, ela introduz o indivíduo no processo civilizatório. Esse é o processo educacional, eu sou professor, trabalho com isso há muitos anos. O programa vocacional eu conheço desde a sua implementação. Trabalho na Secretaria da Educação, trabalhei num CEU durante muitos anos e conheço os efeitos do programa vocacional e do PIÁ.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Eduardo, me perdoe, só para deixar registrado, inclusive, captar o som do anúncio da sua fala. Está falando o Sr. Sérgio Pinto Carneiro, Vice-Presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Desculpe interrompê-lo.

O SR. SÉRGIO PINTO CARNEIRO – Pois não. E é o Conselho que estou aqui representando, a manutenção desse programa é fundamental, é direito, art. 227, da Constituição, toda criança e adolescente tem o direito à saúde, à educação, à cultura, à

convivência familiar, à convivência comunitária. Esse programa garante o acesso à cultura, à convivência comunitária e à produção de cultura.

Portanto, seria bastante interessante que um governo, que se diz gestor do Poder Público, procure gerir os recursos da cultura para manter, não só manter programas que já existem, mas apresentar novos programas para que as nossas crianças e os nossos adolescentes possam ter opções nas suas vidas, para que possam construir sentidos nas suas vidas. Construção de cultura é construir sentidos, dar sentidos às coisas. É de fundamental importância para que nossas crianças e nossos adolescentes tenham um bom desenvolvimento, sejam introduzidos ao processo civilizatório, que tenham acesso à cultura e que tenham a possibilidade de produzir cultura. É muito importante isso.

Quarta-feira estive nesta Casa, numa audiência pública, falando sobre o jogo da baleia azul, a preocupação dos vereadores desta Casa com a cooptação de crianças e adolescentes através desse jogo.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. SÉRGIO PINTO CARNEIRO – Pois não.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. SÉRGIO PINTO CARNEIRO – Eu estou falando disso. Não, tudo bem. Quando a gente fala que a barbárie não produz cultura, esses nossos adolescentes estão na barbárie. Portanto, a mesma importância que esses vereadores apresentaram – apresentam, melhor dizendo - na tentativa de resolverem a questão desse cuidado com a criança e o adolescente é muito importante, é mais importante que essa cidade tenha propostas de políticas públicas para as nossas crianças e os nossos adolescentes. Que a gente tenha, na verdade, propostas de políticas públicas, de aumento dessas políticas e não de recuo dessas políticas.

Recursos financeiros. É uma questão de se optar, de se escolher para onde nós vamos direcionar esses recursos, se para a periferia de São Paulo ou se para o chamado

Centro expandido. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Okay. Agora iremos ouvir o Secretário, após ter ouvido os que se inscreveram e os membros da Mesa.

O SR. ANDRÉ STURM – Obrigado, eu vou obviamente comentar sobre os assuntos que são a pauta, mas antes disso, como o rapaz que falou por último fez uma série de acusações em relação a questões que são da minha vida privada...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ANDRÉ STURM – Eu posso falar?

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Dorberto, vamos ouvi-lo, depois pode ser que tenhamos outra rodada, *okay?* Sr. Secretário, por favor.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ANDRÉ STURM – Vou responder na ordem, moça, eu estou aqui.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ANDRÉ STURM – Não, eu pergunto para o Presidente, é ele que garante a ordem, não é você.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. ANDRÉ STURM – Se eu não tiver a garantia de falar...

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Não, você tem a garantia...

O SR. ANDRÉ STURM – Isso é aqui é uma audiência pública, eu escutei todo mundo, não interfeiri em ninguém, se a palavra está com o Secretário...

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – A palavra está com o Secretário, até para que saíamos daqui com as respostas em relação às perguntas que foram realizadas, também vou solicitar ao Secretário que faça as respostas. A manifestação do público, às vezes, interrompe, mas a Mesa, sempre que essas interrupções forem em demasia e atrapalharem, eu vou me dirigir ao público pedindo silencio. Mas, o Secretário terá a palavra, está franqueado. Vou pedir ao público, também uma forma de dialogar é ouvir a resposta do que se pergunta,

porque senão só a pergunta se pergunta.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Não, desculpe-me. Por favor, Secretário.

O SR. ANDRÉ STURM – Vou sair na hora que achar que tenho que sair.

Bom, em relação à questão que foi trazida pelo Dorberto, do Belas Artes, essa é uma história chata, porque assim, o Cine Belas Artes era um negócio do qual eu fazia parte, que fechou, por decisão do proprietário do imóvel. Eu segui a minha vida, buscando abrir um cinema em outro local. Houve uma decisão do Prefeito e do Secretário da Cultura em função de demandas da sociedade civil da reabertura do espaço do Belas Artes como um cinema. Isso não tinha nada a ver com os meus interesses pessoais, inclusive eu não era uma pessoa ligada à gestão do Prefeito Haddad ou do Secretário Juca Ferreira, embora os conhecesse e tivesse uma relação cordial. Eles decidiram fazer toda uma mobilização para que isso acontecesse, enviaram uma série de propostas feitas de que fosse reaberto como centro cultural, que fosse reaberto como espaço cultural, coletivo, enfim, uma série de propostas.

Eu continuava fazendo uma negociação para abrir um cinema em outro local. O Prefeito Haddad solicitou que eu estivesse envolvido, porque ele considerava que o Cine Belas Artes não era apenas um conjunto de paredes, mas também a programação que lá existia. Então, a pedido do Prefeito Haddad, ele reviu o projeto e assumi a responsabilidade da reabertura. É importante dizer que a Prefeitura de São Paulo colocou zero real na reabertura do Cine Belas Artes. A Prefeitura de São Paulo, liderada pelo Prefeito Haddad, colocou muito esforço - eu tenho todo o reconhecimento e sempre faço questão de ressaltar, e o Secretário Juca Ferreira a mesma coisa - o Prefeito Haddad abriu as portas com empenho pessoal para que a Caixa Econômica Federal entrasse como patrocinadora do cinema. Mas, é importante dizer que a Caixa Econômica Federal aporta um recurso que é suficiente para pagar o aluguel do imóvel, porque o aluguel era o inviabilizador do negócio. Todo investimento para a

reabertura do cinema, que foi de aproximadamente 7,3 milhões de reais, foi feito por mim, por sócios ou por empréstimo bancário. A Caixa Econômica Federal não ofereceu nenhum centavo para a reabertura do cinema. Eu só passei a receber o dinheiro da Caixa Econômica no primeiro mês após o funcionamento para o pagamento de aluguel.

Então, é importante deixar claro que não houve dinheiro público para a reabertura do Belas Artes. Eu não teria nenhum problema com isso, se fosse legítima e dentro da lei, mas não houve. Assim como a Caixa Econômica Federal não utiliza a Lei Rouanet para aportar o dinheiro no Cine Caixa Belas Artes, porque eu não aceitei que uma exposição de marca como a Caixa Econômica tem de *name righting*, 30 segundos de comercial em todas as sessões e uma série de outras ações de *marketing* utilizasse uma lei que eu entendo deve ser utilizada para ações que não têm exposição de marca dessa forma, então, é um dinheiro do *marketing* da Caixa Econômica Federal. O mesmo *marketing* que patrocina times de futebol, que patrocina uma série de outras atividades no Brasil. Portanto, é uma decisão de *marketing* que tem correspondência num investimento que eles fazem, não se trata de benefício de natureza puramente cultural, como seria uma decisão de Lei Rouanet.

Aí, indo às respostas, obviamente não cabe a mim falar sobre criminalização, estado mínimo ou qualquer coisa desse tipo, porque eu estou aqui para falar de cultura em relação especificamente ao PIÁ vocacional.

Em relação, porém, às questões orçamentárias, é algo que me causa espanto a insistência que a Secretaria da Cultura possa fazer alguma coisa sem que haja o recurso necessário. A decisão de congelamento nos recursos da cultura não são da cultura obviamente, são da Secretaria da Fazenda com quem nós lidamos, labutamos, enfrentamos semanalmente. Ontem mesmo eu estava na Secretaria da Fazenda, numa reunião de duas horas, para brigar por recursos que nós necessitamos para dar andamento a programas e projetos. É importante dizer que nesses quatro meses e meio, quase cinco meses, nós já conseguimos com muita briga descongelar 45 milhões. O que dá aproximadamente um pouco

mais de sete por cento dos 43% congelados que portanto está reduzindo o nosso congelamento em um ano que é muito insatisfatório. Nós vamos continuar semanalmente brigando para ter descongelamentos adicionais para que a gente possa desenvolver a maioria dos projetos da melhor maneira possível.

Um exemplo é o hip hop e tem aqui o Pirata. No dia 27 de janeiro, não tinha nem um mês de gestão, eu recebi um grupo do hip hop para conversar e eu confesso que eu não conhecia a força do movimento hip hop. Acho que as pessoas têm as suas áreas de conhecimento e ninguém participa de todos os movimentos culturais. Os que eu conhecia mais eram os outros. Nós marcamos inclusive no auditório com capacidade para 120 pessoas e, quando eu cheguei na sala, a sala estava transbordando de gente, tinha muito mais gente, inclusive, depois pedimos desculpas pela recepção errada da nossa parte, por outro lado eu fui recebido também de maneira muito agressiva. Havia um mal-estar com a Secretaria de Cultura em relação ao hip hop, havia uma série de questionamentos contra nós o que me causava estranheza que estávamos a menos de um mês na Secretaria e quanto a Secretaria de maneira geral. Eu escutei ofensas pessoais, um rapaz ameaçou me bater, nós conversamos, nós falamos, nós saímos e a partir dali nós começamos a receber representantes do hip hop. O nosso orçamento do hip hop era um valor bastante robusto, mas ele tinha sido congelado muito acima dos 25%. Tinha sobrado 350 mil reais. Existe o mês do hip hop que já foi citado aqui e o próprio Pirata citou o valor que teve para o hip hop: um milhão 450. Como esse dinheiro foi conseguido? Com a militância dos artistas e produtores e com o esforço que fizemos com o Secretário Milton Flávio de ir a todas as estâncias de governo juntar dinheiro. Nós conseguimos que a Secretaria da Fazenda descongelasse uma parte, nós conseguimos que a educação entrasse com uma parte, que alguns Vereadores aportassem emendas. Por quê? Porque nós reconhecemos, entendemos e vimos a relevância que tinha o movimento hip hop justamente, não só como movimento artístico, mas como movimento de ilação com o social, com os bairros mais distantes da cidade, e todas as partes da cidade, em todos os cantos da cidade e

conseguimos abortar um valor de um milhão 450 que permitiu e eu nem sabia mil apresentações com artistas dos mais variados em toda a cidade de São Paulo.

Embora a gente escute críticas e críticas fazem parte, o que eu acho que é importante é saber a hora de enfrentar e a hora de dialogar. O movimento hip hop foi competente em pressionar, insistir, exigir e em dialogar e em conseguir alcançar os seus objetivos. Eu citei o Pirata porque ele está aqui na minha frente. Ele não fez isso sozinho e isso não é porque o Pirata, aliás, ele não é meu amigo, eu respeito o Pirata como o profissional que ele é, como pessoa que tem diálogo e que sabe a hora de brigar e a hora de conquistar. Eu acho que isso é meritório, não dele, do movimento hip hop. Eu apenas citei porque é único que conheço aqui do movimento. Então, é importante que as pessoas tenham respeito com quem sabe lutar e alcançar os objetivos da sua área. Acho que isso é uma coisa muito importante.

Em relação ao Piá Vocacional objetivamente, nós não cortamos 70%, infelizmente, V.Exa. recebeu o número errado, nós temos esse ano um número um pouco acima de vagas para os jovens e temos uma redução...

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Podemos combinar que após o Secretário falar, as pessoas que querem, nós vamos proceder a inscrição.

O SR. ANDRÉ STURM – Pois bem, nós temos mais alunos atendidos no Piá, no Vocacional, do que no ano passado...

- Manifestações fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Vocês terão oportunidade de contestar os números, de falarem os números que o Secretário está registrando.

O SR. ANDRÉ STURM – Isso mostra bem, Vereador, pessoas que falam que querem diálogo e que não deixam os outros falarem. Eu fui acusado de ser o pior Secretário da história de São Paulo, fui acusado de uma série de coisas e ouvi calado, esperando a minha vez de falar. Poderia também ter protestado, levantado, brigado com o Norberto, desculpa, que

eu naturalmente conheço. Podia aqui ter peitado e dito “venha aqui falar na minha frente” e eu escutei. É isso mesmo, você pode falar, você tem todo o direito de falar, você tem todo o direito de falar isso, é sua opinião e ela é legítima.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Gente, por favor, eu não sei exatamente como é que a gente pode proceder a reunião, se não for desta forma, e o Secretário falar, aqui na Mesa se fosse o Secretário falar e acabou, aí todo o protesto, no entanto, vamos ouvir o que o Secretário diz, o Norberto falou, os outros falaram, e depois apresentem.

O SR. ANDRÉ STURM – Curioso, né. Eu sou xingado o tempo inteiro, berram quando eu falo e sou eu que brigo com eles, como se eu pudesse sozinho brigar com esse monte de gente que está aqui, nem arriscaria, aliás, quem gosta de brigar aqui são outras pessoas, que quando a gente vai em locais da periferia encontrar as pessoas para dialogar, pulam no palanque, encaram a gente, com ameaças de que não conversamos com elas... eu acho estranho falar que eu quero brigar, Meu papel é escutar, ouvir, e mesmo quando me ofendem, me xingam, ou dizem que sou o pior Secretário da Cultura de todos os tempos, eu escuto, é opinião, justa e legítima.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Por favor, se pede audiência pública, não se perde a oportunidade de se apropriarem inclusive dos números que estão sendo apresentados pelo Secretário. Isso pode reunir para vocês elementos para organizar inclusive aqui a mobilização que vocês falaram, a pressão, ela é legítima, falar, cobrar, reivindicar, mas muitas vezes, os indicadores que o Secretário está apresentando, se há contestação em relação a isso, se apropriem dos indicadores, dos números que estão sendo ditos e depois vocês reúnem as pessoas. Essa não vai ser a última reunião, ainda bem, com certeza, e vocês podem se organizar inclusive. Há vários encaminhamentos que podem ser dados. Se não são procedentes os indicadores, os números apresentados pelo Secretário há várias formas de vocês encaminharem e organizarem inclusive a luta. Quando eu presido os trabalhos, eu procuro ter a menor intervenção possível, eu coordeno os trabalhos somente, não permitindo

opinião sobre o conteúdo do Secretário, ou de qualquer um dos senhores que estão à Mesa, mas é meu dever coordenar os trabalhos, permitindo que o Secretário responda às pessoas que fizeram perguntas e depois permitindo que as pessoas que fizeram perguntas, não satisfeitas, nós possamos organizar os trabalhos e os outros falem também.

O SR. ANDRÉ STURM – Obrigado. O Rafael perguntou sobre a verba da educação e que ele ouviu dizer que houve um repasse integral e que fizemos um corte de 30%. Não é verdade. Havia zero real liberados para a educação, por isso que não foi possível iniciar as atividades nos CEUs. Novamente, nós fomos à Secretaria da Fazenda, nós batalhamos, e nós conseguimos um milhão e meio de reais para os programas que permitiu que avançássemos p edital aqui, está no ar, foi citado e vai permitir que a gente tenha pelo menos quatro meses de atividades nos CEUs a partir de agosto. Então, esse foi o valor disponibilizado, conseguido e descongelado e que foi repassado para a Secretaria da Cultura ontem, portanto, mediante muitos esforços. Eu também queria comentar *en passant* porque a minha gestão tem sido tão criticada, com justa razão inclusive, que por exemplo, na gestão passada, aconteceu um edital muito importante chamado Prêmio Zé Renato, o resultado saiu, a comissão entregou, o resultado foi homologado no Diário Oficial e ninguém recebeu o dinheiro. Eu não me lembro de ter tido manifestações nem críticas da mesma dimensão, ao edital dessa dimensão, cujo resultado foi publicado no *Diário Oficial* e ninguém recebeu, ninguém brigou porque não estava recebendo seu prêmio. Nós acabamos...os ganhadores desse edital acabam de ter seus contratos assinados porque obviamente que não é uma questão pessoal, mas é uma questão da Secretaria e tem de ser honrada e estamos honrando.

Essa outra questão, de que há uma queda na qualidade do Piá do Vocacional, eu realmente não posso avaliar, porque as atividades iniciaram-se há pouco tempo, mas por exemplo, falou aqui a Camila entre as pessoas que falaram que disse, declarou, que está no programa e fez críticas muito relevantes, mas ela só está no programa neste momento porque os outros não estão. Será que a Camila é má artista e educadora? Ela é ruim, ela não é uma

pessoa capaz?

Outra coisa que me espanta é que falam tanto das crianças. As pessoas aqui na sua grande maioria falam da importância das crianças, do Estatuto, da Lei, da Constituição... eu vou falar o que eu estiver interessado em falar, vocês escutem a minha fala. Escutem a minha fala. Eu não sou obrigado a falar o que vocês querem.

A SRA. JULIANA CARDOSO – Olha Aline, vou falar que você devia ter vergonha do seu Secretário. Péssimo, gente.

O SR. ANDRÉ STURM – Causa-me espanto que diversos, inúmeros, uma quantidade muito grande, e, portanto, imagino que seja muito maior, de pais que receberam e-mails dizendo que o Programa tinha sido cancelado. Que não deviam levar os seus filhos para se inscreverem para o Programa Piá Vocacional. Ou seja, as pessoas preferem destruir o programa, porque elas não fazem parte do programa. É chocante vir aqui ouvir a hipocrisia das pessoas tão preocupadas com as criancinhas da periferia. A gente tem cópias desses e-mails, Vereador. É muito impressionante o sentido de anarquia e de egoísmo que muitas dessas pessoas têm de total descompromisso com qualquer questão que não seja do seu interesse e uma posição política de atacar a gestão do Prefeito Doria, através da Secretaria da Cultura.

Para responder o que a Camila falou, que é uma das perguntas relevantes aqui. Os contratos foram feitos por quatro meses, praticamente, por quatro meses porque a gente só trabalha nessa gestão com os recursos que a gente tem. A gente não assina Prêmio Zé Renato sem ter dinheiro. A gente não solta um edital sem ter dinheiro. Porque não foi pago no ano passado? Não foi pago porque o edital foi feito sem a devida reserva de recursos. Se enviarmos ao final de contas implicaria em processo contra a antiga gestão. Nós só fazemos o que tem o dinheiro disponível. Nós conseguimos descongelar recursos suficientes para os quatro meses. Nós fizemos uma contratação por quatro meses e pusemos uma cláusula que garante a continuação do contrato, não a recontração. Coisa que existia no ano passado e que não foi utilizada pela gestão passada. Porque se a gestão passada tivesse renovado os

contratos em novembro, mesmo com pagamento zero em dezembro, janeiro e fevereiro, período que não há o Piá Vocacional nós não tínhamos tido necessidade de trocar os artistas educadores. Porque o mesmo edital que previa a renovação dos contratos, previa a impossibilidade de recontração. Eu não posso fazer nada a respeito disso. Não é uma questão de interpretação da lei, é explícito. Nós tomamos o cuidado de colocar uma cláusula e também garantir a possibilidade de renovação. O que nós faremos porque nós temos um compromisso na Secretaria da Fazenda de que eles vão descongelar os recursos necessários para que os artistas educadores que estão atualmente trabalhando no Piá Vocacional da Cultura, tenham os seus contratos prorrogados até o período de novembro que é o período que o Programa usualmente vai. Então, se os contratos serão prorrogados assim que o recurso tiver descongelado e nós possamos assim proceder. Nós não faremos nada sem recursos. Isso não quer dizer que a gente ache bacana ter recursos congelados. Óbvio que a gente não acha. Meu papel é batalhar pelo descongelamento, nós temos conseguido descongelar recursos. Tenho contado com o apoio de alguns Vereadores que têm inclusive aportado emendas e assim nós vamos seguir todas as semanas. Nós temos inúmeros pedidos enviados para descongelamento, alguns que não foram aprovados, outros foram, alguns parcialmente. Diversos programas já foram colocados para funcionar. Lançamos editais para uma série de áreas da cultura, inclusive, especialmente as áreas que usualmente são menos favorecidas e que focam nos artistas não exatamente do que a gente poderia chamar de elite econômica da cultura, mas muito importante do ponto de vista cultural, que é o que nos importa.

Enfim, eu acho que as outras são manifestações que não são perguntas, então, não é ocaso de responder. O que eu posso garantir é que o Piá Vocacional é objeto da nossa atenção, estamos mantendo os programas em execução, vamos mantê-los no mesmo formato e acho que é isso que eu podia falar.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – A Vereadora vai fazer a comunicação da sua saída e logo na sequência vamos inscrever as pessoas.

A SRA. ALINE CARDOSO – Peço desculpas, eu preciso sair, mas apesar de qualquer tipo de crítica ou de preconceito que exista, porque às vezes, as pessoas acham que por conta, da mesma forma que a gente não pode julgar uma pessoa por uma origem étnica, ou por cor, ou por qualquer outra coisa, a gente e não pode julgar uma pessoa sem conhecê-la, pelo partido, porque tem gente boa e ruim em todos e têm pessoas que defendem a cultura também em partidos diferentes. Eu queria deixar para quem não me conhece, até já teve o relato de quem não me conhece. Eu sou uma Vereadora nova, faço parte das pessoas que querem ajudar de verdade a mudar. Não tenho interesse pessoal e eu queria só registrar que a cultura é uma prioridade para mim e, dentro das minhas possibilidades, eu tenho ajudado. Quem não quiser acreditar, fique à vontade; mas quem quiser acreditar e quem inclusive quiser dialogar, eu estou à disposição para qualquer tipo de conversa que beneficie a população e a cidade de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Quero agradecer à Vereadora Aline Cardoso. Nós temos duas pessoas inscritas, as quais vamos ouvir. Na sequência, passaremos a palavra ao Secretário, que também tem outros compromissos. Tem a palavra a Sra. Carolina Nóbrega.

A SRA. CAROLINA NÓBREGA – Só por uma questão de dados. Ao falar em termos de vagas, a Secretaria já mostra um profundo desconhecimento de como funcionam os Programas PIÁ e Vocacional. Porque, diferente da escola, em que a lógica de vagas faz sentido, porque há salas com carteiras e inscrições que as famílias vão fazer, no PIÁ e no Vocacional as turmas são formadas de uma forma absolutamente pouco institucionalizada. Quem forma as turmas de ambos os programas são os próprios artistas, batendo em porta, andando em comunidade, fazendo com que as famílias, as crianças, os adolescentes, os adultos, os idosos sintam interesse e passem a agregar essas turmas formadas. Então, é trabalho de militância do artista, que faz essas turmas se formarem. Não existe o pensamento de vagas para esses programas. Isso existia no ano passado como uma forma de estimar,

porque era difícil de se estimar o público atendido, o número ficcional de vagas por artista contratado.

Então, dizer que aumentaram as vagas é pura ficção e abstração. É só falar: “A gente supor que por turma tem 30 pessoas”, e aí se diz que que tem “x” vagas. Não existe isso, não existem “x” vagas para os programas. O que existem são menos artistas contratados. Se tem menos artistas contratados, tem menos gente sendo atendida no território. Ponto, e acabou. (Palmas) Não existe aumento de vagas.

São 45 equipamentos atendidos. Fala você. (Pausa)

(NÃO IDENTIFICADO) – Setenta e quatro artistas, em vez de 336. Que mágica você fez, Secretário?, para, 336 artistas, contratar 74, e aumentar o número de vagas? Aliás, eu recomendo que você passe, inclusive, nos equipamentos para ver como estão as vagas sendo preenchidas hoje. (Palmas) Secretário, só mais um detalhe.

A SRA. CAROLINA NÓBREGA – Tem uma coisa também. Eu falei errado, desculpem. Foram 45 equipamentos agora atendidos, no ano passado tinha mais de 110. Então, é uma diferença muito brutal, sim, porque essas turmas são formadas pelo suor e esforço de cada pessoa. Aqui, por exemplo, nós temos um grupo de artistas vocacionados do programa, que vieram lá da periferia da zona Sul, do Campo Limpo para aqui. É um desrespeito absurdo com essas pessoas que vieram aqui e tiveram seus processos artísticos interrompidos, você falar nesses termos, como se tivessem sido mandados e-mails de boicote. A gente respeita profundamente os artistas que estão sendo contratados, a gente sabe que não tem nada a ver com os novos artistas. É um absurdo a Secretaria de Cultura colocar os artistas contratados contra os que foram despejados. Mas há processos no território que não tem só a ver com fazer uma aulinha. Eu atendi, durante todos os anos do programa, artistas vocacionados com problema de violência familiar, com problema de violência doméstica, que demoraram três anos para conseguir me dizer que sofriam abuso em casa, e eu pude ajudar a estruturar redes para auxílio dessas pessoas, para elas acharem como sair fora de situações

de abuso e sobreviver.

Estou dizendo algo que vai muito além da produção de uma aula e são processos que não dependem de demissão e contratação. Isso é muito, muito, muito preocupante, Secretário. Então, é um desrespeito muito grande quando você coloca nesses termos. A gente respeita profundamente os artistas contratados. A gente queria que o programa estivesse acontecendo em sua plenitude, mas isso é impossível com 3 meses e meio de contrato e posteriores 4 meses. É absolutamente revoltante a forma como você se comunica conosco. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Dorberto.

O SR. DORBERTO – Vou utilizar meu tempo aqui para usar a política com sentido pedagógico. Acho que não vamos resolver nada aqui. Então, a gente tem que aproveitar isso para aprender junto e poder avançar para construir um futuro melhor, um futuro em que não tenhamos um Secretário que expresse total cinismo em relação à cultura da cidade de São Paulo. Quando ele diz que a gente não fez nada do Zé Renato, não fez nada pelos atrasos, todo mundo que está aqui presente sabe que nós ocupamos a Prefeitura da Cidade de São Paulo com 400 artistas. (Palmas)

Ele coloca isso para fazer o mesmo jogo que faz o Prefeito Doria, como se a Cidade fosse um “Fla X Flu”, PSDB contra PT. A Cidade não é um “Fla X Flu”, Secretário. Embora muitos de nós tenhamos muito respeito pelo PT – porque foi na gestão do PT que essas políticas públicas surgiram, diga-se a verdade, e não estou defendendo o PT aqui, só estou dizendo isso, é concreto, está lá, você pode conferir as datas em que surgiram as políticas públicas estruturantes para a cultura -; em que pese isso, boa parte é suprapartidária, boa parte nem vota, vota nulo. Então, não existe esse “Fla X Flu”; quero deixar bem claro isso.

O que o Secretário diz? Que quando a gestão Haddad se mobilizou para salvar o Belas Artes, porque tinha interesse no Belas Artes - o Belas Artes era mais do que as paredes, lógico. Entenderam que o Belas Artes era para a Cidade -, o Secretário não estava

interessado, porque ele já estava procurando outro trabalho, ele já estava procurando outro local para apresentar. Percebem? Então, com essa fala do Secretário percebemos o seguinte: ele está única e exclusivamente interessado nele, no trabalho dele, ele está interessado em negócio. E há aqui quem goste do Haddad e quem não goste, mas ele fez o movimento pelo Belas Artes porque estava interessado no Belas Artes para a cidade de São Paulo, para a cultura da cidade de São Paulo.

Para concluir, essa é a diferença entre nós e o nosso Secretário. Percebem? Ele não está interessado na cultura, ele está olhando a cultura como negócio. Na verdade, ele se porta, a todo momento, como um garoto mimado: “Eu vou me levantar”, “Eu vou embora”, “Se falarem um pouquinho mais alto, eu não participo, eu não respondo”, “Eu só respondo o que eu quero”. Nós precisamos de um Secretário da Cultura que não seja um garoto mimado e que tenha compromisso com o sentido republicano do cargo, alguém que responda pelo cargo e que tenha compromisso com a cidade de São Paulo, que tenha compromisso para além dele mesmo. (Palmas)

O André pode não saber disso, mas ele não é eterno no cargo, ele vai sair. Já disso isto algumas vezes para ele: o que vai ficar é a cultura, o que vai ficar são os artistas na Cidade. Então, precisamos organizar a Cidade. Não se trata de lutar contra o PSDB. Eu garanto para vocês: o André Sturm é o pior dentro dessa turma do PSDB. Dentro do PSDB nesta Casa tem muita gente interessante, como a Vereadora Aline. Já estamos dialogando com o Aurélio Nomura. Se vocês se recordam, o Floriano Pesaro foi o que votou a favor do Zé Renato, foi um dos caras que jogou pesado a favor do Prêmio Zé Renato aqui. O Bispo Atílio jogou pesado, colocou verba no Orçamento, recursos da ordem de 12 milhões, que eles não querem cumprir. Então, temos que organizar a luta para pôr fora esse Secretário que se porta como menino mimado, que tem interesses próprios dentro da Secretaria, que não são os interesses públicos. Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Última inscrita, Laiane.

A SRA. LAIANE – Boa tarde a todos. Quero pedir desculpas pela falta de infraestrutura no meu diálogo. A nova gestão, querendo ou não, está criando máquinas ao tirar a Sociologia e a Filosofia do currículo. Daqui a pouco, vão também tirar a História para nos mostrar que realmente somos máquinas.

Quero dizer a você que realmente não há vagas, e as pessoas a quem vamos perguntar o que é o Vocacional, não sabem dizer o que é, assim como você também não sabe dizer o que é vocacional. (Palmas)

Digo a você e te convoco a ir ao Vocacional e ficar um dia para você experimentar e entender realmente o que é informação e o que é sobreviver na periferia. Você não sabe o que é sofrer preconceito dentro da sua própria casa e escutar a sua mãe dizer que o que você faz não é cultura, que dança não é emprego. Realmente, eu disse a ela: “É verdade, porque dança não é mercado; dança é a forma de eu me manifestar e dizer a todos que eu existo”. Não estou pedindo para você se sensibilizar; só estou dizendo que você desmontou vários, vários e vários indivíduos. Foi isso o que você fez. Não estou pedindo para você colocar de volta as pessoas, mas para você entender o que é informação e ajuda de conhecimento.

O que eu não tive na escola, eu tive dentro do Vocacional. Eu pude mostrar às pessoas e dentro da minha própria casa que dança não é mercadoria, e é isso que eu deixo a você: dança não é mercadoria. Teatro não é mercadoria. Conhecimento não é mercadoria. E fora você.

- Manifestações efusivas no recinto.

O SR. TONINHO VESPOLI – Presidente, eu nem vou falar. Só queria passar um dado ao Secretário, porque a própria Secretaria deu a informação para a *Folha de S.Paulo* que nós tínhamos 336 arte-educadores e agora foram contratados 130. Isso segundo a própria Secretaria. Então, é um corte significativo.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Nós vamos ouvir o Secretário. Na sequência, nós vamos encerrar a audiência pública. Lógico que a luta e as reivindicações de

vocês continuam na forma de organização. É uma oportunidade de ouvirmos o Secretário, e cada um, obviamente, vai tirar as suas conclusões. Os Vereadores aqui também poderão dar encaminhamentos em relação ao que foi ouvido aqui. Tem a palavra o Secretário.

O SR. ANDRÉ STURM – O Norberto gosta de ficar provocando, é o estilo dele. Inclusive, vocês vejam a oratória, porque é uma pessoa que tem objetivos políticos na vida, de se eleger, candidato, filiado a partido. Então, é claro que ele tem o objetivo de fazer *show* e ficar falando essas palavras bonitas, que impressionam e ganham aplausos, para que ele alcance o objetivo de se eleger o ano que vem na disputa que ele vai fazer.

Ficar torcendo as palavras é uma especialidade. O cara é bom de oratória. Por exemplo, dizer que eu não tinha interesse na reabertura do Belas Artes. Não foi o que eu disse. O que eu disse é que eu não misturo os meus interesses pessoais, de negócios, com questões públicas. Portanto, como o Belas Artes é um negócio privado – era privado, fechou -, eu fui fazer um Cine Belas Artes em outro lugar.

É importante lembrar que se eu só quisesse ganhar dinheiro, por que eu iria ficar passando filme do Irã, filme de diversos países do mundo. Eu tenho orgulho de, em toda a minha vida, ter trabalhado...

- Manifestações longe do microfone. Gritos de “Fora Sturm” no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Pessoal,... Ele já queria sair, vocês falam “fora”.

- Tumulto no recinto.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca) – Encerrada a audiência pública, tendo sido ouvidos o Secretário de Cultura e também as pessoas que se inscreveram para dirigir a ele perguntas. Agradeço a presença de todos.